

INTERSEÇÃO ENTRE AS ISOTOPIAS POLÍTICA E RELIGIOSA CRISTÃ NOS COMENTÁRIOS DE APOIO AO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

INTERSECTION BETWEEN POLITICAL AND CHRISTIAN RELIGIOUS ISOTOPIES IN THE COMMENTS THAT SUPPORT THE PRESIDENT JAIR BOLSONARO

Mariana Manzano LOPES¹

Oriana de Nadai FULANETI²

Resumo: Grupos religiosos fizeram parte da base de apoio de Jair Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018 e, ainda hoje, o fazem. Avessos a pautas progressistas e alinhados a um “evangelho de resultado”, que defende princípios do capitalismo e do liberalismo econômico, esses indivíduos hoje participam ativamente do debate político, especialmente nas redes sociais. Nos textos de apoio ao presidente, essas pessoas sobrepõem o religioso ao nacionalista e promovem aquilo que Fiorin (2013) chamou de sacralização do discurso político. Este trabalho então verificou a estrutura e o funcionamento da intersecção entre o político e o religioso nos comentários de apoiadores do presidente. Para isso, analisou, embasado no quadro teórico da semântica discursiva da semiótica francesa, os mecanismos de produção de sentido em 267 comentários extraídos do vídeo: *ONU 2021: Presidente Jair Bolsonaro expõe verdades que desesperam a imprensa e a esquerda* (\$) ³ no canal oficial de Bolsonaro no YouTube. Por meio da análise, compreendeu-se quais os principais mecanismos, em especial, no tratamento de temas e figuras, que essas pessoas utilizam para manifestar seu apoio ao presidente. Os principais resultados revelam que os mecanismos utilizados sobrepõem

1 Doutoranda da UFPB - Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ma_malopes@yahoo.com.br

2 Docente da UFPB - Universidade Federal da Paraíba. E-mail: od.fulaneti@uol.com.br

3 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LyHL4qI-T_s. Acesso em: 08 nov. 2021.

as isotopias política e religiosa na tematização de uma guerra santa na qual o inimigo é aquele que não comunga dos valores cristãos e o sujeito político é sacralizado em diferentes graus de intensidade.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Sacralização do sujeito político. Semântica discursiva. Isotopia. Discurso religioso.

Abstract: Religious groups have been part of Jair Bolsonaro's support bases since the presidential campaign in 2018 and still do today. Averse to progressive agendas and agreeing with a "gospel of results", which defends principles of capitalism and liberalism, these individuals actively participate in political debate, especially on social media. In the comments that support the president, these people use the overlap between religion and nationalism and promote what Fiorin (2013) called the sacralization of political discourse. This work then verified the structure and functioning of the intersection between the political and the religious in the discourse of comments by supporters of President Bolsonaro. For this, based on the theoretical framework of the discursive semantics of French Semiotics, we analyzed the mechanisms of production of meaning in 267 comments in support of the President that contained Christian religious thematic elements, extracted from the video: *ONU 2021: Presidente Jair Bolsonaro expõe verdades que desesperam a imprensa e a esquerda* (\$) on the official channel of Jair Bolsonaro on YouTube. Through the analysis, it was understood which are the main mechanisms, especially in the treatment of themes and figures, used by these people to express their support for the president. The main results reveal that the mechanisms used overlap the political and religious isotopies in the thematization of a holy war where the enemy is the one who doesn't share Christian values, as well as how the political subject is sacralized in different degrees of intensity.

Keywords: Bolsonarism. Sacralization of the political subject. Discursive semantics. Isotopy. Religious speech.

1. Introdução

Kalil (2018) apurou que fiéis religiosos, especialmente os cristãos, assim como líderes religiosos cristãos, fizeram parte das bases de apoio à eleição de Jair Bolsonaro como presidente da república em 2018. Entendendo os preceitos do cristianismo como forma de conduta adequada e íntegra, essas pessoas repudiam temas como a "ideologia de gênero", vista como pecado e degeneração. Um dos argumentos que engajou fortemente os religiosos no apoio a Bolsonaro no período eleitoral foi a suposta existência de um conjunto de materiais didáticos destinados a crianças em idade escolar que recebeu popularmente o nome de "kit gay".

Kalil (2018) complementa que esse grupo também é bastante resistente a pautas consideradas de movimentos progressistas, como aborto, discussões de gênero e sexualidade e flexibilização do uso recreativo de drogas, alegando que o avanço dessas

pautas estaria supostamente ameaçando a “família tradicional” e que os valores cristãos e os preceitos de Deus estariam sendo abandonados.

Para Solano (2018), a penetração das igrejas evangélicas, principalmente as neopentecostais, como articuladoras sociais, especialmente nas periferias, é grande aliada na disseminação de valores como o capitalismo, a meritocracia e o esforço individual. Em paralelo, o aumento de parlamentares evangélicos e a formação de uma bancada evangélica “fortalece o poder de representantes religiosos fundamentalistas no Congresso, dificultando a viabilidade das pautas progressistas” (SOLANO, 2018, p. 4), fortalecendo a crise da democracia e os extremismos de direita no Brasil.

Tosi (2018) também alerta para a presença, no país, de grupos evangélicos neopentecostais de inspiração norte-americana, além de setores das igrejas católica e protestante que pregam um “evangelho de resultado”, centrado no sucesso econômico. Alguns desses grupos utilizam o púlpito como palanque político-partidário e se aliam a grupos econômicos e políticos que defendem a violência, o armamento da população, além de espalharem mensagens de intolerância e de ódio no espaço público. Segundo o autor, esse “movimento que está crescendo assusta e preocupa: é uma onda de fanatismo que não promete nada de bom, e que promove um obscurantismo intolerante e regressivo contra a ciência, a filosofia, a liberdade de pensamento, a pluralidade ideológica” (TOSI, 2018, p. 413).

Fiorin (2019) apurou que uma das características dos discursos da extrema direita é a criação de duas isotopias: a nacionalista e a religiosa. Na isotopia nacionalista, a distinção entre nacional e estrangeiro não é espacial, uma vez que o conceito de nação é ideológico, a nação é um conjunto de valores. “Assim, esse discurso, fundado numa axiologia simplista, que estabelece uma luta entre o bem e o mal, estabelece inimigos internos, que são os que não comungam dos valores conservadores que caracterizam a nação brasileira” (FIORIN, 2019, p. 374).

Nessa perspectiva, o verdadeiro brasileiro é aquele cujos valores ideológicos são semelhantes aos do governo. Os outros são os inimigos e tudo passa a ser visto como uma luta entre a direita e a esquerda. Na isotopia religiosa, o “marxismo cultural” e o globalismo estariam promovendo uma cruzada contra os valores cristãos, os valores religiosos e contra Deus. Nos discursos da extrema direita, essas duas isotopias se sobrepõem (FIORIN, 2019).

Soma-se a isso mais uma camada, a de que o debate político atual acontece predominantemente no espaço da internet. Fulaneti (2018) sintetiza que a intensa participação da internet no movimento político desenha uma nova forma de fazer política. A rede de computadores, por um lado, possibilita uma forma de comunicação horizontalizada, rápida, econômica e que aproxima as comunidades políticas; por outro lado, não se pode ignorar o potencial da *web* para práticas distintas como a disseminação de *Fake News* e o crescimento das redes de ódio e intolerância.

Definida pela complexidade, a comunicação na internet conjuga elementos de proximidade e distância, descontração e formalidade; incompletude e completude; subjetividade e objetividade. Por isso, tem seus sentidos exacerbados, já que engloba as possibilidades de interação das duas modalidades, a falada e a escrita, de onde resultam interatividade intensa, preservação e grande extensão do alcance dos conteúdos veiculados nas redes (BARROS, 2015).

Partindo dos pressupostos que Jair Bolsonaro tem entre seus aliados e apoiadores muitos fiéis e líderes religiosos cristãos que aderem aos preceitos do liberalismo econômico, mas são extremamente conservadores no que diz respeito aos costumes; que os discursos político de extrema direita frequentemente constroem uma isotopia religiosa e que os discursos produzidos na internet possuem como característica a complexidade, este trabalho tem então como objetivo investigar como se dá a construção de sentidos nos comentários das redes sociais em apoio a Jair Bolsonaro, que trabalham com a temática do religioso e a sobreposição do nacionalista e religioso, identificando quais mecanismos discursivos são utilizados para a construção dessa isotopia, tendo como foco principal a apreensão da imagem de Jair Bolsonaro delineada nesse discurso.

Para isso, além desta breve introdução, o artigo se constitui de mais quatro seções. Na primeira, apresentamos o referencial teórico, particularmente o conceito de isotopia na semiótica francesa e trazemos algumas contribuições de autores que discutiram a sacralização do discurso político e o processo de deificação do sujeito político. Na segunda seção, expõem-se os procedimentos metodológicos utilizados para a condução da análise. No terceiro tópico, avançamos com as análises e discussão dos resultados. Por fim, são tecidas as considerações finais, com a síntese dos principais resultados e sugestões para pesquisas futuras.

2. Referencial teórico

2.1. O conceito de isotopia na semiótica francesa

Dentro do arcabouço da semiótica francesa, o conceito de isotopia está situado no nível discursivo, patamar mais concreto e superficial do percurso gerativo de sentido, especificamente dentro da semântica discursiva, que corresponde ao nível de análise mais concreto, no qual se dá o tratamento dos temas (forma abstrata) e das figuras (forma concreta) que compõem um texto.

Para Barros (2005), o ato de tematizar um discurso consiste em formular os valores de modo abstrato e organizá-los em forma de percursos. Os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos, concebidos abstratamente. Para analisá-los, devem-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços que se repetem no discurso e o tornam coerente.

Segundo Fiorin (2018), a tematização e a figurativização são os níveis de concretização do sentido, e a oposição entre temas e figuras remete, em princípio, à oposição entre abstrato e concreto, observado que os conceitos de abstrato e concreto não se opõem de maneira absoluta, mas constituem um *continuum*. A figura remete a algo existente no mundo natural, é o elemento linguístico que tem um correspondente perceptível no mundo. Já o tema é um investimento semântico, portanto, de natureza puramente conceitual e que não remete ao mundo natural. Assim, as figuras revestem os temas, dando-lhes maior concretude e revelando os valores e as ideologias. Por exemplo, o tema do aborto pode ser figurativizado por uma criança morta ou por uma mãe salva no hospital, o que resultaria em discursos ideologicamente opostos.

Tomada de empréstimo do domínio da físico-química, a noção de isotopia foi ressignificada no seu novo campo de aplicação. Esse conceito designou, num primeiro momento, a iteratividade de classemas no decorrer de uma cadeia sintagmática que garantia homogeneidade ao discurso-enunciado. Nessa interpretação, o sintagma que reúne ao menos duas figuras sêmicas pode ser considerado o contexto mínimo para o estabelecimento de uma isotopia (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Na análise do enunciado “Deus te abençoe”, temos um exemplo dessa aplicação, pois a reunião dos sememas “Deus” e “abençoe” reiteram o classema da “divindade”, formando uma isotopia mínima.

Num segundo momento, o conceito de isotopia se ampliou e passou a designar a “recorrência de categorias sêmicas, quer sejam estas temáticas (abstratas) ou figurativas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 246) e não mais unicamente a iteratividade de classemas. É a isotopia que garante, pela recorrência de temas e figuras que compartilham um mesmo campo semântico, a coerência textual.

Assumindo o último conceito de isotopia apresentado, buscaremos, em nossa análise, investigar o funcionamento das isotopias política e religiosa presentes no *corpus* estudado.

2.2. A sacralização do discurso político e o processo de deificação do sujeito político

Tosi (2018) analisou três possíveis relações entre religião e política: 1) a religião como importante instrumento de governo, com duas possibilidades em si: a religião que utiliza a política e uma política que utiliza a religião; 2) a religião “contra” a política, que é tanto incompatível como crítica à política e que se propõe transformá-la; 3) a política como religião, que cria uma religião própria. Aqui, interessa-nos principalmente a primeira e a terceira relação propostas por Tosi.

Na explicação da religião como instrumento de governo, ao localizar a aliança entre o cristianismo e o Império Romano no século IV, Tosi (2018, p. 385) afirma que essa relação foi fortalecedora tanto para a religião quanto para a política, pois “não há nada mais poderoso do que falar em nome de Deus [...] nada é mais poderoso do que uma guerra

santa". E complementa que o temor a Deus é uma força extremamente poderosa para a política, muito mais do que o amor a Deus.

Ao analisar o peso social e sociológico da religião, afirma que: "na medida em que alguns ou muitos homens creem que Deus existe, ele passa a existir e a ter uma existência realíssima e poderosíssima. Deus se torna um 'fato social' como diria Durkheim, e quanto mais pessoas acreditam nele, mais Deus se torna poderoso" (TOSI, 2018, p. 387).

Tosi (2018) esclarece que a relação entre Deus e os homens, quando aplicada à política, pode estabelecer-se de duas maneiras distintas: por um lado, a religião faz com que Deus, uma unidade abstrata, se torne um objeto nas mãos dos homens, que pode ser manipulado pelos líderes religiosos e políticos. Por outro lado, o homem, que Deus criou e domina, se torna um objeto nas mãos do Deus todo-poderoso. E é o fenômeno da alienação religiosa que permite o uso instrumental da religião na política, como poderoso mecanismo de projeção de medos, angústias e desejos.

No exame da política como religião, Tosi (2018) destaca que, com a secularização e a decadência da influência da religião sobre as sociedades, a religião perde o monopólio da gestão do sagrado, isso significa que a religião não possui mais a mesma influência sobre o imaginário coletivo, como antes. Isso não significa que a religião desapareça, mas que deve competir com outros poderes tão ou mais influentes, como a revolução científica, o agnosticismo, o ateísmo e a política como religião.

A renúncia aos símbolos religiosos por parte do Estado cria um vazio perigoso para a validação política junto às massas. Assim o Estado cria uma nova "religião de Estado", não mais assumindo uma religião oficial, como no caso do cristianismo Romano, mas criando uma religião política laica. Isso se dá através do surgimento de "novas ideologias políticas que assumem para si as características que antes eram monopólio das religiões" (TOSI, 2018, p. 404).

Essa "sacralização do Estado" pode se desenhar de duas formas, como uma "religião civil", típica das democracias, ou como uma "religião política", particular dos regimes totalitários (TOSI, 2018).

Partindo de uma outra perspectiva, a Semiótica Discursiva, Fiorin também discorre sobre as relações entre política e religião. Em seu artigo "A sacralização do discurso político" (2013), o semioticista elenca as características do discurso político e do discurso religioso para mostrar como eles se misturam. A respeito do discurso religioso, Fiorin afirma que este discurso não é ancorado no tempo e no espaço, o que denota que ele é válido para todos os tempos e para todos os lugares: "Sua temporalidade é a eternidade, ou seja, do não tempo e, por isso, opera no presente gnômico" (FIORIN, 2013, p. 24). O discurso religioso também é um discurso que se pretende verdadeiro, a que se adere pela fé, e por isso apresenta-se explicitamente na ordem do crer. No discurso religioso, o destinador-enunciador é da ordem da transcendência. A verdade do discurso religioso

provém do fato de que ele é proferido por uma instância transcendente que, quando não é a palavra divina codificada, por exemplo, na Bíblia, no Alcorão, ou na Torá, é o comentário dela (FIORIN, 2013).

O discurso religioso, na medida em que tem por objetivo dar explicações sobre a totalidade da realidade, é um discurso que se quer único. Como se pretende a verdade, ele funda uma ética que não admite outra e, por conseguinte, se estabelece como único. Por isso ele é o bem, que se opõe ao que não é ele, o mal. (FIORIN, 2013, p. 25).

Já o discurso político trabalha com os parâmetros da parcialidade “é um discurso válido para um tempo determinado, um espaço preciso” (FIORIN, 2013, p. 24), portanto sua temporalidade é do presente durativo; é um discurso que se pretende verdadeiro, mas essa verdade não tem alcance universal. No discurso político, o enunciador-destinatário está submetido a um destinador social ou a uma necessidade, assim, a verdade do discurso político, em princípio, deriva de sua adequação à realidade (FIORIN, 2013).

Fiorin (2013) concebe, a partir de Landowski (1982), que a verdade reconhecida no discurso político depende do reconhecimento prévio do sujeito. Nesse sentido, diz a verdade aquele em quem *eu tenho confiança*. Não há impessoalização da política, mas uma personalização. “Vota-se na credibilidade de alguém e não em argumentos verdadeiros no sentido tomista” (FIORIN, 2013, p. 25).

O discurso político tem sua base na disputa de poder, portanto é plural, almeja obter o reconhecimento de melhor projeto de poder em concorrência. Já o discurso religioso funciona como uma absolutização, regido pela exclusão, opera com a triagem⁴. “Por isso, confronta o exclusivo e o inclusivo, o puro e o impuro. Seu valor é absoluto, do domínio da intensidade. Por isso, é o discurso da certeza total” (FIORIN, 2013, p. 25). Assim, a oposição entre o “melhor” e o “pior” é do campo do político, pois permite gradação, já a oposição entre o “bem” e o “mal”, absoluta, é do campo do religioso.

Ambos os discursos, religioso e político, são persuasivos. Porém, o discurso religioso propõe uma ética e estabelece àqueles que creem um dever fazer e um dever ser. O discurso político propõe ao enunciatário a atribuição, para o enunciador, de um poder fazer e um poder ser (poder governar, poder ser o presidente). Desta forma, enquanto no discurso religioso o enunciador é o destinador, no discurso político o enunciador é também destinatário da principal modalidade em jogo, o poder (FIORIN, 2013).

Segundo Fiorin (2013, p. 32), a sacralização do político opera quando:

4 Zilberberg e Fontanille (2001) definiram os conceitos de triagem e mistura: o primeiro, fundamentado nos valores absolutos de exclusão, o segundo fundamentado em valores de universalização e participação.

a) uma entidade como a pátria, a raça, a revolução, o proletariado, torna-se absoluta, dando significado à história, estabelecendo uma ética, que divide o mundo em dois campos, o do bem e o do mal; b) estabelece-se o culto a um chefe que personifica a entidade mencionada; c) instaura-se uma operação de absolutização, pela qual o discurso almeja abarcar a totalidade da realidade e pretende a exclusividade; d) o operador do discurso é a triagem e os valores que nele circulam são valores do absoluto.

Para Fiorin (2013), o primeiro elemento que opera na sacralização da política é que há uma entidade divina que, à sua maneira, atribui sentido à história e subordina o destino dos indivíduos e da coletividade. Essa entidade tem valor supremo e, dotada de soberania absoluta, adquire uma transcendência.

Dessa forma, o campo político, investido de valores transcendentais, torna-se pivô de crenças, mitos, ritos e símbolos. Em direção a um mundo perfeito, baseado em dogmas e valores religiosos, trabalha-se com a orientação temporal voltada para o futuro, rompendo com o passado, propõe-se a criação de um novo mundo, um novo tempo. Essa visão permite postular um combate entre o bem e o mal. Os que se opõem são vistos como traidores ou inimigos e a separação entre os domínios do bem e do mal leva a uma homogeneização identitária por meio de uma operação de universalização abstrata, que não reconhece as diferenças, ou as considera nefastas por serem desestabilizadoras, o que leva a tentar eliminá-las (FIORIN, 2013).

Sobre a sacralização do campo discursivo político, Fiorin (2013, p. 34) alerta que há nele princípios de purificação e de exclusão, onde se pretende “regenerar a sociedade”. Há também a “deificação de um líder, que personifica a entidade, que dá sentido a tudo e submete os destinos individuais aos coletivos” (2013, p. 34); esse movimento considera que o líder corporifica o movimento e a nação, é a encarnação da vontade popular e das aspirações do povo.

O chefe deificado torna-se um pensador, um político genial, um profeta, um messias, um chefe infalível. Louva-se sua argúcia, sua inteligência, sua esperteza, sua capacidade de previsão, seu conhecimento do futuro e assim sucessivamente. Nele não há defeitos. Sua vontade é lei, ele não admite justificar seus atos, insurge-se contra os controles da sociedade democrática e revolta-se com a oposição. Ele apresenta-se como um messias, um salvador, um redentor [...] toda iconografia é fortemente carregada de simbologia religiosa. (FIORIN, 2013, p. 35)

A sacralização do discurso político realiza uma operação de absolutização, na qual a doutrina religiosa adquire o caráter de explicação única, porque apenas ela é verdadeira. Há também silenciamento do passado e certos fatos são considerados inexistentes ou são reescritos. O discurso sacralizado é tido como verdadeiro, defensor das boas causas e monopolizador da ética, da virtude e do conhecimento histórico. Todos os

outros são considerados errôneos e a oposição é excluída pela desqualificação ou pelo aniquilamento. Repudia-se a diferença (FIORIN, 2013).

Tosi (2018, p. 403) afirma que a “sacralização da política comporta os perigos dos êxitos autoritários que toda fala em nome de um absoluto pode comportar”. Na mesma linha, para Fiorin (2013, p. 36), “a sacralização do discurso político é a negação da política”, pois é somente na democracia que há espaço para o discurso político, o discurso da participação, da mistura, da pluralidade, da discordância, do acordo e do diálogo.

Em nossa análise, verificaremos como ocorre a relação entre o político e o religioso nos comentários dos adeptos do presidente Jair Bolsonaro.

3. Pressupostos metodológicos

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e abordagem aplicada. Enquanto delineamento, esta pesquisa é um estudo de caso, pois investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real e os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN, 2015).

Para seu contexto, foram analisados comentários virtuais de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro no vídeo intitulado: *ONU 2021: Presidente Jair Bolsonaro expõe verdades que desesperam a imprensa e a esquerda (\$)*⁵, no canal oficial de Jair Bolsonaro na rede de compartilhamento de vídeos YouTube. O vídeo, de 12 minutos e 20 segundos, diz respeito ao discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, realizado pelo presidente do Brasil em 21 de setembro de 2021.

As coletas foram realizadas entre os dias 03 e 08 de novembro de 2021. Dentre os 3.183 comentários presentes no vídeo no último dia de coleta, foram destacados apenas os comentários que conjugavam duas características: a) validação positiva e/ou apoio ao presidente e; b) presença de conteúdo religioso e/ou a presença de palavras, frases ou expressões de cunho religioso. Foram destacados 269 comentários.

Dentre os comentários destacados, dois deles apresentaram a palavra Deus na grafia judaica (D’us), em nenhum outro comentário foi possível identificar nenhuma outra referência que remetesse a outra religião que não fosse da matriz religiosa cristã. Como este trabalho tem como objetivo a análise dos mecanismos de construção do sentido dos textos de cunho religioso cristão nos comentários de apoio ao presidente, os dois comentários cuja palavra Deus foi identificada na grafia judaica foram excluídos da análise, resultando em 267 textos analisados.

A análise dos dados coletados foi amparada na metodologia proposta pela semiótica de linha francesa, com foco especial no tratamento de temas e figuras no quadro da semântica discursiva, do nível discursivo do percurso gerativo de sentido.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LyHL4qI-T_s. Acesso em: 08 nov. 2021.

4. Resultados e discussão

As análises dos resultados foram divididas em três categorias: na primeira delas, buscamos entender como se constroem os discursos que sobrepõem o político e o religioso, especialmente no tocante ao tratamento dos temas e das figuras. Na segunda categoria, analisa-se como os enunciados instauram um suposto combate entre o bem e o mal, cujo bem é figurativizado pela expressão do cristianismo, do patriotismo e das condutas consideradas corretas pelo grupo que apoia o presidente e o mal está nos discursos figurativizados em elementos como a esquerda, a imprensa, o sistema e os interesses internacionais. O efeito de sentido de guerra, de batalha constante é característica marcada nestes discursos.

Na última categoria, procedemos com as análises buscando verificar, através da imagem projetada do presidente por seus apoiadores, como se constrói a sacralização do sujeito político Jair Bolsonaro.

4.1. As paixões benevolentes

Na maioria dos enunciados de cunho religioso que manifestam apoio ao presidente Jair Bolsonaro, a construção de sentidos se dá através da manifestação de desejos de benesses, manifestados principalmente nas formas de bençãos, proteção, iluminação e capacitação divina ao presidente, como em: “Deus te abençoe sempre”, “Deus proteja Bolsonaro”, “Deus te proteja e ilumine”, “que Deus te proteja e te capacite” e outros. Na figura 1, reunimos alguns comentários que exemplificam essa construção.

Figura 1 – Votos de benção, proteção, iluminação e capacitação divina.



Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

Em todos esses enunciados, Bolsonaro é sujeito de estado e Deus é o sujeito do fazer. Opera-se no desejo de que Deus conceda a Bolsonaro valores eufóricos de bençãos, proteção, iluminação e capacitação. Nesse desejo, há sempre um “eu”, mesmo que pressuposto, que deseja algo. Este “eu que deseja” se constrói discursivamente então como um “eu cristão”, “pessoa cristã”, “temente a Deus”, que deseja ao outro os valores euforizados de cunho cristãos, pois seu desejo está atrelado à ação do divino. Além disso, os verbos iluminar, abençoar, proteger e capacitar, recorrentes nos enunciados, são integrantes do léxico cristão.

Há também enunciados nos quais os votos de bençãos e proteção estendem-se não só ao presidente, mas também à pátria, sobrepondo o nacional e o religioso, como nos comentários: “que Deus abençoe o senhor e o nosso Brasil”, “Deus proteja o senhor, a sua família e o nosso Brasil”, “que Deus abençoe o nosso presidente e a nossa pátria” e “Deus abençoe e proteja sempre o nosso país e o nosso presidente”. Nestes casos, este “eu que deseja”, que sobre põe o nacional e o religioso, apresenta-se não somente como um “eu cristão”, mas sobretudo como um “eu cristão e patriota”, esta noção de sujeito cristão e patriota está fortemente atrelada à figura do “cidadão de bem”, especialmente nos grupos bolsonaristas, em que os princípios da ética estão fortemente firmados na dualidade “cristão e patriota”. Na figura 2, reunimos alguns comentários que demonstram essa sobreposição.

Figura 2 – Sobreposição nacionalista e religioso



Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

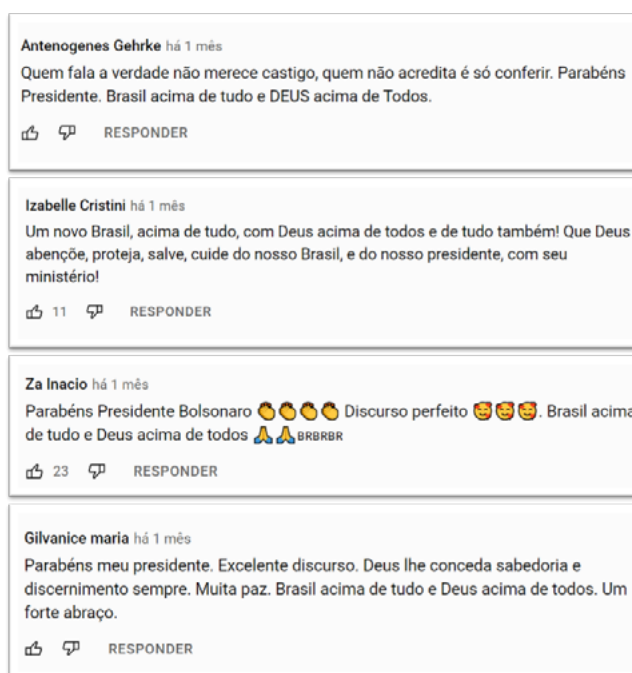
Destaca-se que, na maioria dos enunciados de cunho nacionalista, as palavras Brasil, nação, pátria e país estão precedidas dos pronomes possessivos “nosso” ou “nossa”. Isso

reforça a construção temática de que o país pertence às pessoas, mas não a qualquer pessoa, apenas àqueles considerados os verdadeiros brasileiros, que são os cristãos e patriotas, nessa perspectiva.

Alguns enunciados reforçam essa separação entre quem são os “verdadeiros brasileiros” dentro desta perspectiva, e foram identificados em afirmações como: “Deus abençoe o Brasil! Deus abençoe o povo de bem”; “Deus proteja Bolsonaro, o Brasil e os brasileiros de bem”. “Que Deus abençoe, proteja e ilumine o nosso presidente Bolsonaro, sua família e seus verdadeiros aliados” e “Deus abençoe o nosso presidente Bolsonaro e seus apoiadores”. Nesses discursos, fica demonstrado que os únicos merecedores das benesses divinas são “os aliados”, “os apoiadores”, assim como os “brasileiros de bem” e o “povo de bem”.

Na construção dos enunciados de apoio ao presidente e que sobrepõe as temáticas religiosa e nacionalista, o *slogan* de campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” também é recorrente. Repercutir esse discurso é uma forma de manifestar, além do apoio ao presidente, o alinhamento ideológico ao significado da mensagem que o texto propaga. Na figura 3, foram reunidos alguns comentários que manifestam esse alinhamento.

Figura 3 – Repercussão do *slogan* de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”



Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

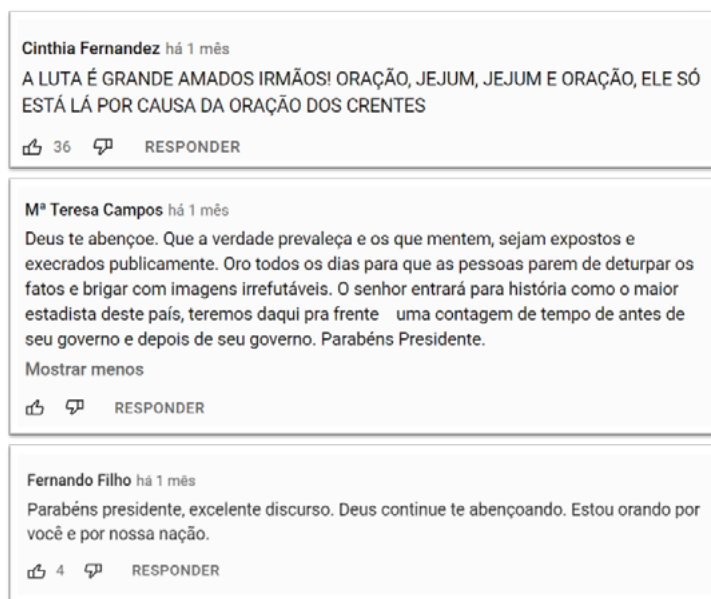
Ainda na sobreposição entre o nacional e o religioso, outras duas formas de discurso se destacam. A primeira, na afirmação da tríade “Deus, pátria e família” que foi identificada

em pelo menos quatro textos de apoio ao presidente, em dois deles acrescido também da palavra “liberdade” e em um texto acrescido da expressão “ordem e progresso”. A segunda forma, representada em frases de efeito como: “Bendita a nação cujo Deus é o Senhor”, “Feliz é a nação onde Deus é o Senhor” e “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”.

Outro mecanismo de construção temático-figurativa observado nos enunciados de apoio a Bolsonaro é a utilização de expressões religiosas como: “aleluia”, “amém”, “fé”, “varão valoroso”, “Jesus é o Senhor”, “Maria Santíssima” e outros. O uso de textos bíblicos também tem destaque nos enunciados analisados, em especial, a citação do versículo 32 do capítulo 8 do Livro de João: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”; o texto, repetido muitas vezes pelo presidente da república, encontra também repercussão nos comentários de seus apoiadores.

Outra forma utilizada pelos apoiadores de Bolsonaro para manifestar seu apoio ao presidente é através da manifestação pública de suas orações; a título de demonstração, alguns textos foram reunidos na figura 4.

Figura 4 – Manifestação de orações em favor do presidente



Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

A utilização destes três recursos citados: as expressões religiosas, os textos bíblicos e a manifestação de orações são elementos importantes para compreender a imagem de si mesmos que os apoiadores pretendem manifestar no grupo no qual estão inseridos. Novamente a imagem de pessoa cristã, e portanto que se apropria do léxico cristão, que conhece a bíblia e que ora a favor do presidente e da pátria.

4.2. A perspectiva discursiva de uma guerra santa

Fiorin (2013) afirmou que uma das características da sacralização da política é a instalação de um combate entre o bem e o mal, uma espécie de guerra santa. Já compreendemos, através da análise da construção discursiva dos comentários de apoio a Bolsonaro com temática cristã e dos comentários que sobrepõem as temáticas cristã e nacionalista, que a noção do bem, da pessoa de bem, está figurativizada em elementos como no desejo de bençãos e proteção divina, na manifestação de orações, no uso de expressões e textos cristãos, na construção de si mesmo como um patriota cristão e na separação entre os “apoiadores”, os “aliados”, e os outros.

Se existe um aliado, é factível pensar que exista então um inimigo, que é aquele que não comunga das características apreciadas pelo grupo social em questão (patriota e cristão, neste caso). E que, se o *bem* está representado na forma do patriota cristão, o *mal* é aquele que manifesta outros valores, incompatíveis com os valores euforizados por aquele grupo.

Na maioria dos casos, o inimigo, a representação do mal, está simbolizado pela esquerda, em outros, a imprensa é considerada a inimiga na guerra ideológica travada por Bolsonaro e por seus apoiadores; para outros apoiadores, o inimigo é o sistema que impediria Bolsonaro de governar livremente; entre os inimigos internos, também estão os governadores e os prefeitos. Há ainda manifestações em que a guerra instaurada no Brasil é contra outros países.

Dentro da temática da guerra internacional, um rapaz utilizou o espaço para declarar: “Eu me senti representado, esses países que *acha* que são alguma coisa, *chupa* aqui é Brasil terra abençoada por Deus”. Na mesma linha, uma senhora disse: “Brasil é o último bastião de resistência mundial à NOM⁶, com a Graça de Deus!”.

Uma outra situação identificada foi a constatação de que, para alguns apoiadores, a guerra instaurada não tem um inimigo declarado, explícito, é uma guerra contra “eles, todos eles”, mas quem são “eles” não é claramente apresentado. Mesmo assim o clima de combate e vigilância é notadamente marcado.

Essa construção isotópica da guerra é figurativizada por uma série de expressões nos textos analisados, dentre as quais se destacam: “luta”, “lutar”, “enfrentar”, “batalha”, “vitória”, “venceremos”, “força”, “forças”, “missão”, “difícil missão”, “livre”, “livrar”, “livrado”, “liberdade”, “armadura”, “vigilância”, “cuidado”, “intervir”, “fazer o que é preciso”, “facção”, “criminalização”, “machuca”, “FFAA (Forças Armadas Brasileiras)” e “Selva”.

6 NOM: Nova Ordem Mundial.

Outra característica desses discursos é a desqualificação dos adversários e uso de palavras de baixo calão, presente em elementos como: “acéfalos da esquerda”, “ladrões”, “ladrões viciados em bebida”, “sistema apodrecido”, “limpar esse país da desgraça” e “chupa”.

No entanto, mais uma camada se coloca aqui, a da sacralização desta guerra, figurativizada em elementos como “força do criador”, “Deus tem nos livrado de muitas maldições”, “revestido com a armadura espiritual de Deus”, “uma batalha espiritual”, “poderosa nação temente a Deus” e “a justiça divina é implacável”. O que tornaria a guerra uma “guerra santa”, cujo objetivo não é somente derrotar o inimigo, mas derrotar o inimigo em nome do divino e com o respaldo desse divino.

Outro destaque é o fato de a temática da guerra estar fortemente atrelada às teorias conspiratórias, especialmente aquelas que encontram ampla repercussão dentro do bolsonarismo, como em construções como “nossa bandeira jamais será vermelha”, “último bastião de resistência mundial à NOM”. Os enunciados que enfatizam a prevalência da “verdade” por parte de Bolsonaro e seus apoiadores corroboram essa luta conspiratória.

Essa perigosa construção discursiva de uma guerra iminente culmina na manifestação, por parte de alguns apoiadores, de que existe um exército bolsonarista pronto para defender o presidente dos seus inimigos, um apoiador manifesta “Iremos lutar ao seu lado e sob a proteção de Deus até o fim”, um outro se coloca à disposição do presidente “precisar desse seu reservista BIMtz⁷, conte comigo”, outra apoiadora se coloca como “defensora com [a] vida se necessário”.

4.3. A sacralização do sujeito político

Na perspectiva de alguns apoiadores do presidente, Jair Bolsonaro ganha ares transcendentais, sagrados. No entanto, percebemos que a sacralização do sujeito Jair Bolsonaro não acontece de forma homogênea por todos os apoiadores, mas que ela se dá em níveis, com diferentes graus de intensidade, dos quais destacaremos três. No primeiro nível, mais atenuado, Bolsonaro é considerado um homem de valor e um bom governante, pois respeita e defende os princípios cristãos. Neste percurso, o valor de Bolsonaro está diretamente atrelado ao fato de ele ser cristão e manifestar valores cristãos. Na figura 5, reunimos alguns comentários que exemplificam essa constatação.

7 BIMtz: Batalhão de Infantaria Motorizado.

Figura 5 – 1º nível de sacralização do sujeito político



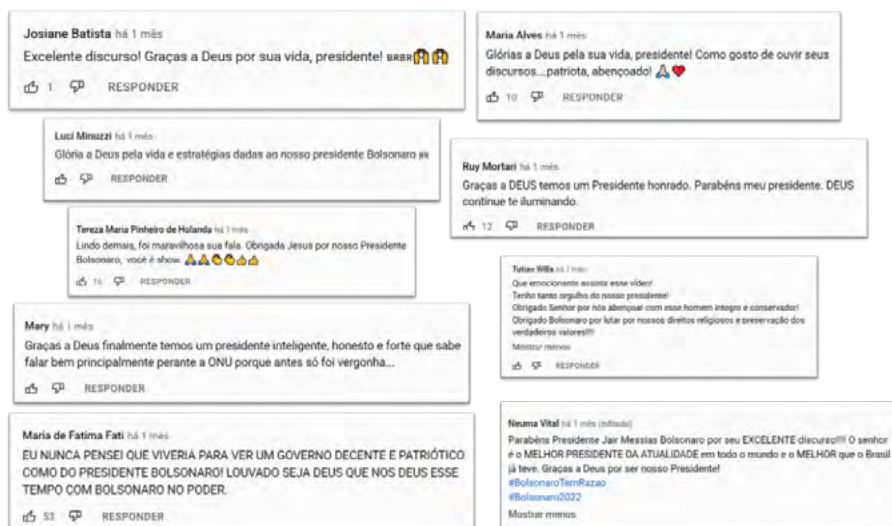
Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

Essa valorização do cristão e dos valores cristãos, como característica apreciada de um governante, subverte a política como espaço de neutralidade religiosa e a lógica do Estado Laico e é característica dos regimes teocráticos, onde o melhor governante é aquele que melhor manifesta os valores religiosos do grupo dominante. Corroborando a perspectiva de Fiorin (2013), esses discursos têm valor de absoluto, neles o *bem* está representado por aqueles que seguem os códigos de conduta religiosa em questão, já o mal está representado por aqueles que não seguem.

No segundo nível, mais intenso que o primeiro, Deus (o divino) é glorificado pela existência, vida, capacidade e eleição do governante. Neste nível ainda há uma separação

entre o divino e sujeito político sacralizado. As honras pelos feitos do governante ainda são de Deus, não existe a fusão da imagem do governante com o divino, mas cria-se o efeito de sentido de predileção do divino pelo governante. Os comentários reunidos na figura 6 demonstram essa construção.

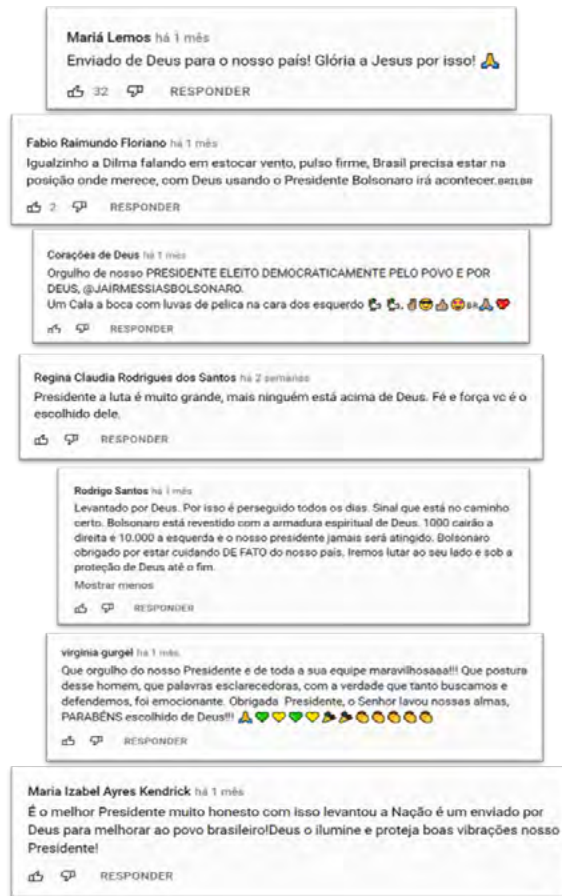
Figura 6 – 2º nível de sacralização do sujeito político



Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

Já no terceiro nível, mais intenso que os dois primeiros, o governante é abençoado, usado, enviado, escolhido ou eleito por Deus; há uma fusão da imagem do divino com a imagem do governante, e este é deificado, ganhando ares transcendentais, míticos. A figura 7 apresenta alguns comentários que demonstram essa deificação do sujeito político.

Figura 7 – 3º nível de sacralização do sujeito político

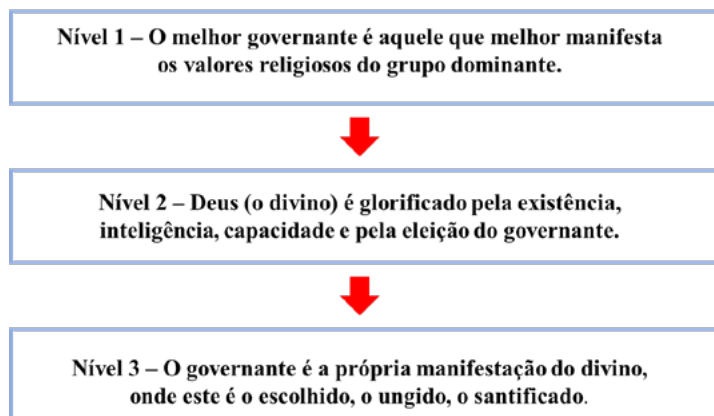


Fonte: YouTube, canal oficial de Jair Bolsonaro (2021)

A partir das análises dos comentários de apoio a Jair Bolsonaro, sintetizamos no quadro abaixo como essa sacralização do sujeito político acontece em três diferentes níveis, com diferentes graus de intensidade.

Quadro 1 – Níveis de sacralização do sujeito político

Três níveis de sacralização do sujeito político



Fonte: Elaboração própria

5. Considerações finais

Este trabalho identificou, através do tratamento de temas e figuras, proposto na semântica discursiva da semiótica francesa, como os apoiadores de Jair Bolsonaro constroem sentidos a partir do uso de elementos religiosos e cristãos, em seus textos de apoio ao presidente.

O estudo identificou, corroborando a perspectiva de Fiorin (2019), a sobreposição entre as isotopias nacionalista e religiosa, com o uso de temas e figuras de cunho religioso e nacionalista na construção de uma imagem dos apoiadores de Bolsonaro como cristãos e patriotas, reforçando a figura de “cidadão de bem” que essas pessoas pretendem apresentar perante o grupo social no qual estão inseridas. Verificam-se, além das benesses oferecidas ao líder, paixões benevolentes pelos aliados e pela pátria/nação.

Também foram identificados usos, tanto do texto de campanha do presidente “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, quanto de variações deste texto propostas por apoiadores, que mudam ligeiramente os sentidos do texto original, além do emprego de textos bíblicos ou que remetem a passagens bíblicas, com uso de expressões, frases de efeito e figuras de linguagem de cunho religioso.

A pesquisa revelou como alguns discursos são amparados na temática da guerra, em especial uma guerra santa, do bem contra o mal, da direita contra a esquerda, do Brasil contra os outros países e dos “verdadeiros brasileiros” contra os outros e a imprensa. Ou seja, observa-se a presença de um inimigo contra o qual são nutridos sentimento de ódio e malquerença.

Por fim, foi possível compreender como ocorre a sacralização do sujeito político Jair Bolsonaro a partir dos discursos de seus apoiadores. Sacralização essa que se dá em três níveis, com diferentes graus de intensidade. O grande perigo da sacralização de Bolsonaro é que, assim como não se contestam os dogmas do cristianismo, não se deve contestar Bolsonaro, o que denota o fanatismo de seus apoiadores.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para o quadro da análise do discurso bolsonarista e do discurso da extrema direita como um todo. Para pesquisas futuras, em complemento ao apresentado até aqui, sugerimos o tratamento de símbolos que envolvem o discurso religioso bolsonarista, como o uso de *emojis*, fotos, imagens santificadas, bandeiras e gestos, que por limitações ficaram de fora desta análise.

| Referências

BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, D. L. P. A complexidade discursiva na internet. *CASA – Caderno de Semiótica Aplicada*, v. 13, n. 2, p. 13-31, 2015.

FIORIN, J. L. A Sacralização da política. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A.M. (org.). *Linguagem e política: princípios teórico-discursivos*. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, J. L. Operações enunciativas do discurso da extrema-direita. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 3, p. 370-382, 2019.

FULANETI, O. N. Por uma análise do discurso político: o caso de Cristiane Brasil. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 22, n. 2, p. 6-20, 2018.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

KALIL, I. O. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. *Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo*. Out. 2018.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [2005].

SOLANO, E. *Crise da Democracia e extremismos de direita*. São Paulo: Fundação Fierdrich Ebert, 2018. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.

TOSI, G. Religião e política: três possíveis relações. *Religare*, v. 15, n. 2, p. 382-421, 2018.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZILBERBERG, C.; FONTANILLE, J. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã C. Lopes, Luis Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas, 2001.

Como citar este trabalho:

LOPES, Mariana Manzano; FULANETI, Oriana de Nadai. Interseção entre as isotopias política e religiosa cristã nos comentários de apoio ao presidente Jair Bolsonaro. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 105-125, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.16857>.